

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

# NOTAS SOBRE A EPIGRAFIA ROMANA DE COIMBRA



COIMBRA—1979

## NOTAS SOBRE A EPIGRAFIA ROMANA DE COIMBRA

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Não chegam a duas dezenas as inscrições romanas provenientes da cidade de Coimbra, encontradas, na sua maior parte, na muralha. Esse número, se fica bastante aquém da quase centena de textos de Beja e dos 74 de Conimbriga (sem contarmos os fragmentos e os grafitos) (1), equipara-se aos 22 de Mértola e aos cerca de trinta de Évora.

Em todas as cidades muralhadas, é frequente o achado de monumentos epigráficos aproveitados nas muralhas. Muita vez se tem interpretado tal circunstância como justificativa da atribuição de certos panos das fortificações à época medieval. O argumento tem, realmente, razão de ser; mas não é determinante; importa doseá-lo com outras observações do aparelho de construção, com análises da argamassa e de documentos escritos — pois não é raro essa reutilização ter sido feita mesmo no período romano ou, então, posteriormente à Idade Média.

Um outro raciocínio muito em voga é o da proveniência das pedras encontradas nas muralhas, mormente quando são de boas dimensões. Diz-se que não devem provir de muito longe, devido à dificuldade dos transportes, à natural preguiça dos construtores... Mas terá sido sempre assim? É sempre assim? Cada vez mais a prática nos vai demonstrando a falibilidade desta posição (2).

---

(1) Ver ÉTIENNE (Robert), FABRE (Georges) et aliï, *Fouilles de Conimbriga* — II — *Épigraphie et Sculpture*, Paris, 1976.

(2) Uma cupa encontrada num entulho em Lisboa proveio possivelmente de Mértola. Cfr. Leite de Vasconcelos in «O Arqueólogo Português» VII 1903 p. 241-243.

Para além do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II (Berlim, 1969, Suplemento 1892) de Emílio Hübner, que — ao referir as inscrições de Coimbra — se utilizou sobretudo de obras antigas e comunicações apresentadas por diversos sábios às academias de Lisboa (1), dois outros trabalhos trataram já este tema: Maria de Lourdes Rodrigues estudou no artigo *Inscrições Romanas do Museu Machado de Castro*, publicado na revista «Humanitas» n.º XI-XII, 1959-1960, p. 112-132, os monumentos epigráficos guardados no Museu, que, ao tempo, ainda albergava as pedras de Conimbriga; são, ao todo, nove — sete funerários, a dedicatória ao imperador Constâncio Cloro, e um miliário do tempo de Calígula — dos quais apenas um, achado em 1941, não fora mencionado por Hübner. Por ocasião dos trabalhos na zona das muralhas para construção das novas faculdades de Matemática e Ciências, e aquando da escavação do criptopórtico, novos elementos se detectaram; assim, em 1971, Patrick Le Roux e Georges Fabre publicavam no vol. X da revista «Conimbriga» (p. 117-130), um artigo que intitularam *Inscriptions latines du Musée de Coimbra*, onde deram a conhecer quatro inscrições inéditas: três funerárias e a árula ao Génio da Basílica. Se acrescentarmos a estes, dois textos, perdidos, citados por Hübner (CIL II 380 e 5244), teremos um total de quinze.

\* \* \*

Não conhecemos nenhum trabalho que, falando da Coimbra romana (que hoje felizmente já se não confunde com *Conimbriga*), nos dê uma panorâmica completa da sua epigrafia e do interesse que ela tem para o estudo do seu estatuto administrativo e da sua população. Le Roux e Fabre alongam-se um pouco para além do simples comentário epigráfico, centrando as suas observações sobre o fenómeno da aculturação. Escrevem aqueles dois epigrafistas franceses:

«A onomástica, a linguística, a arte concorrem para mostrar a permanência de caracteres herdados da civilização céltica numa época em que a romanização se afirmara largamente. Importa sublinhá-lo tanto mais claramente quanto essas tradições se exprimem mediante concepções oficiais ou de indivíduos que haviam beneficiado do con-

(1) CIL II p. 40-1.

tacto com os Romanos, suscitando uma aculturação que se traduziu por uma organização política, no quadro da cidade, centrada em torno do forum, cuja localização se pode doravante precisar. E que se traduziu igualmente por influências sobre as oficinas escultóricas — quer elas estivessem em *Aeminium* ou em *Conimbriga* ou nas duas. Os métodos romanos sugeriram, ao que parece, o modelo a partir do qual os próprios artistas lusitanos, hábeis em trabalhar o calcário local muito maleável, deram livre curso à sua originalidade nitidamente provincial» (p. 130).

Citámos Patrick Le Roux e George Fabre, num comentário-síntese que bem demonstra as potencialidades da Epigrafia como fonte histórica, pois aí se fala de aculturação entre uma tradição céltica e as inovações — linguísticas, artísticas e de organização política — introduzidas pelos Romanos.

\* \* \*

As fontes literárias antigas são avaras em informações sobre o estatuto administrativo de Coimbra ao tempo dos Romanos. Plínio, na sua *História Natural* (IV, 118), cita *Aeminium* entre as cidades estipendiárias da Lusitânia. Nada mais.

Daí o interesse da placa de calcário encontrada em 1888 ao fundo da Couraça dos Apóstolos, contendo uma dedicatória ao imperador Constâncio Cloro, «dilecto príncipe, nascido para o bem e progresso da República», datável de 305-6, mandada lavrar pela *civitas aeminiensis*, ou seja, pelos habitantes de *Aeminium* (1). É testemunho único,

(1) A versão apresentada por Hübner deixa dúvidas quanto à identificação do imperador, hoje resolvidas por uma análise atenta do texto, que reconstituímos assim (também com leves diferenças em relação à proposta de Lourdes Rodrigues):

[B(onium)] [E]T AVCMENTVM / [RE]I · PVB(licae). NATO [DI]/LECTOQVE PRIN/[C]IPI. D(omino) N(ostro) FLAVIO / [V]AL(erio). CONSTANTIO / [P]IJO. FELICI INVICTO AV/[G]VSTO. PONT(ifici). MAX(im)o / [T]RIB(unitia). POT(estate). P(atri) P(atriciae). PROCŌNS(uli) / [CIV]ITAS AEMINIENS[IS].

Constâncio Cloro é designado *príncipe* e não *imperador*; como lhe foi atribuído o título de *Augusto*, constante desta dedicatória, em 305, aquando da abdicação de Diocleciano (CAGNAT, *Cours d'Épigraphie Latine*, Paris, 1914, p. 235) e morreu em 306, o texto terá esses dois limites cronológicos. Contudo, se — ao contrário do que escreveu L. Rodrigues (art. cit. p. 114) — a designação *dominus noster* é frequente no Baixo Império e se, por outro lado, o nome e os títulos estão correctos,



FIG. 1 — A placa dedicada a Constâncio Cloro, exposta no Museu Machado de Castro.

extraordinariamente útil para a localização da cidade, hoje, de resto, indubitável, mas também ele pouco esclarecedor acerca do estatuto administrativo por que se regeria a população. Deixando de lado a problemática sobre a autenticidade do monumento, que só uma análise mais demorada permitirá equacionar convenientemente (1), salientaremos que a palavra *civitas* se reveste de significações variadas, aplicando-se a um aglomerado populacional organizado, independentemente da sua forma de organização. E apraz-nos citar de novo Le Roux e Fabre que, a propósito da árula ao Génio da Basílica, afirmam:

«(...) Não há razão nenhuma para recusar à cidade (Coimbra) uma promoção jurídica comparável à de Conimbriga» (p. 121).

E, apesar do silêncio da tradição literária, os dois investigadores consideram «plausível o acesso de Aeminium ao estatuto de município nos finais do séc. I», baseando-se, para isso, em três argumentos:

- 1.º — a existência dum *forum* (de que já falaremos);
- 2.º — «a “rivalidade” que não deixaria de existir entre as duas cidades vizinhas» (*Aeminium* e *Conimbriga*);
- 3.º — «a concessão do direito latino à Hispânia em 73/74, por ocasião da censura de Vespasiano e de Tito.

---

há anomalias: a ausência do número da tribúncia potestade (a primeira foi em 293 — CAGNAT, *ibidem*), a não-referência ao consulado e a alusão (pouco frequente) ao proconsulado. No miliário de Conimbriga (*Fouilles* II, p. 118), Constâncio Cloro é designado *imperador* e *César*, os títulos sucedem-se como aqui, somente sem *pater patriae*.

A fórmula, mais usual, *bono reipublicae natus* é aqui completada pela expressão *et augmentum*. Não havendo vestígio duma outra primeira linha, e tendo em conta o pouco espaço que restaria livre à esquerda, optámos pela reconstituição apresentada, que estará de acordo com os hábitos epigráficos da época, uma vez que essa fórmula surge também abreviada B.R.P.N.

(1) À primeira vista, não só a circunstância do achado como o tipo de letra e o próprio texto inclinam-nos para o considerar autêntico. Como vimos, os erros nos títulos são muito frequentes no Baixo Império e, caso se tratasse de uma falsificação (por exemplo renascentista), ela teria sido suficientemente propalada na literatura do tempo, ciosa de não perder oportunidade tão boa.

Sobre o motivo da dedicatória, escrevem os autores do volume da Epigrafia de Conimbriga (*Fouilles* II, p. 118): seduz a ideia de que foi ao tempo de Cloro que se levantaram as muralhas de ambas as cidades, Coimbra e Conimbriga (1).

\* \* \*

Falemos, então, do *forum*, «revelado» pelas escavações do grandioso criptopórtico, no Museu Machado de Castro (2). Aí a epigrafia teve já um papel de relevo — e decerto ainda terá mais. Referimo-nos à descoberta da árula dedicada ao Génio da Basílica. Datável de fins do séc. II — 1.<sup>a</sup> metade do III, este monumento prova a existência, no local, duma basílica, edifício essencial da vida no *forum*. A leitura de Le Roux e Fabre (3) é hoje aceite sem reservas, apesar de ser esta uma invocação de que não se conhecem paralelos. O Génio era, neste caso, o númen protector do edifício.

\* \* \*

A onomástica patente na epigrafia de Coimbra assume características latinas correntes. Documentam-se sobretudo relações de tipo familiar; citam-se expressamente dois libertos (4) e um escravo (5).

---

(1) O monumento não é bonito, as faces laterais não afeiçoadas. A sua implantação na muralha, para ser visto unicamente de frente, é, por isso, muito plausível.

(2) Ver OLEIRO (J. M. Bairrão), *O criptopórtico de Aeminium*, «Humanitas» n. s. 4-5, 1955-56, p. 151-160. Síntese em: ALARCÃO (Jorge), *Portugal Romano*, Lisboa, 1974, p. 88-90.

(3) Art. cit., p. 119: GIINIO / BASELE/CAE S[A]CRVM/ [...] é, das duas hipóteses apresentadas, a que nos parece mais viável.

(4) CIL II 378 = ILER 3949; «Conimbriga» X 1971 p. 122. De *Aurelius Musaeus* (CIL II 368 = ILER 4174), dizem os autores de *Fouilles* II (p. 59) que deverá ser «de origem servil», o que subentende a opinião de que se trata dum liberto, hipótese que perfilhamos, com base unicamente no cognome de possível origem grega, *Musaeus*, e na ausência de filiação indicada.

(5) «Humanitas» 1959-60 p. 124, n.º 18. *Chrysis* (CIL II 374) poderá ser também uma escrava, se atendermos a que se identifica apenas pelo cognome, de origem grega.

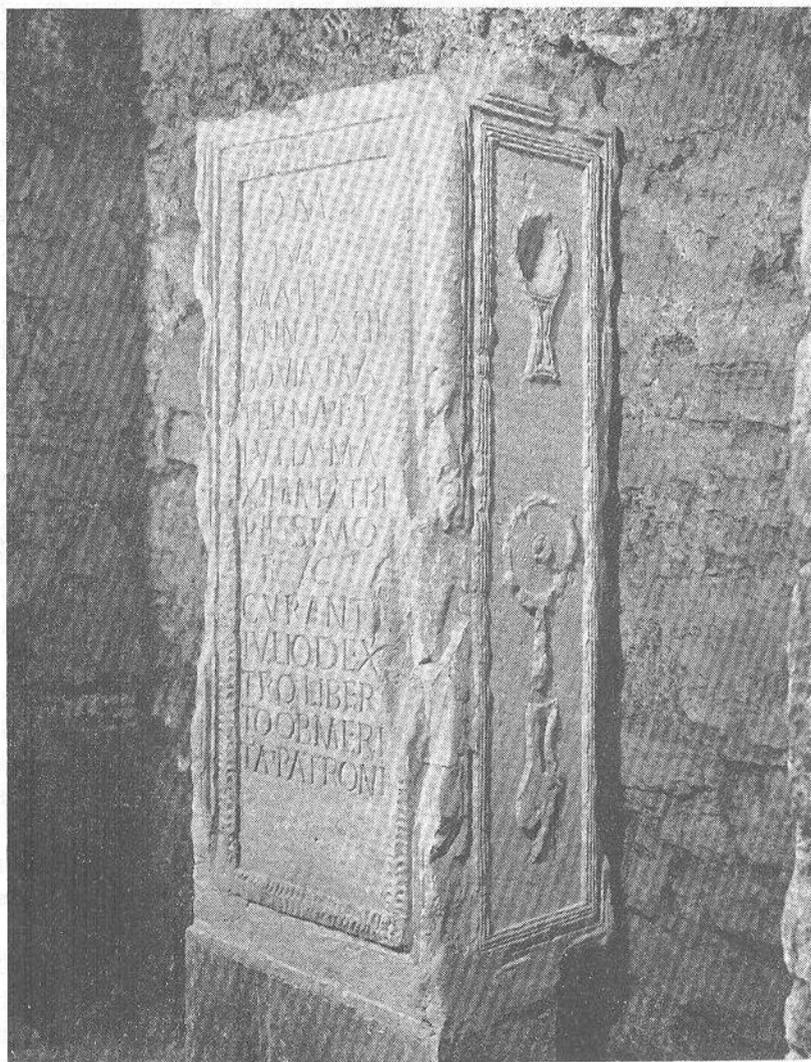


FIG. 2 — Note-se, deste monumento funerário, o cuidado na paginação, a decoração da moldura e a profusão dos relevos laterais finamente ornamentados. Geralmente, em monumentos do género, o jarro surge dum lado e a pátera do outro. Aqui estão os dois juntos e mais um espelho (?).

Os *Iunii* (1), *Aurelii* (2) e os *Iulii* (3) surgem com cognomes também latinos num testemunho de fácil romanização. Outros gentílicos menos usuais — os *Cadii* (4) e os *Vagellii* (5) — documentam-se em monumentos que mantêm afinidades estéticas com os de Conimbriga (6). Por seu turno, os *Allii* (7), ao que parece, poderão relacionar-se com a população de Conimbriga, onde outros testemunhos existem em duas inscrições e em dois pesos de tear (8) — facto que levou Robert Étienne e Georges Fabre a verem neles uma família de proprietários rurais, para quem a actividade industrial também não fora estranha (p. 67 e 137), sublinhando-se a existência, em Mérida, dum *G. Allius M. libertus Aeminiensis* (CIL II 500), cujo cognome dá ideia da sua naturalidade, que será, provavelmente, também a dos seus patronos. Este facto, como já foi assinalado (*Fouilles* II, p. 67), documenta bem as relações existentes entre a população das três cidades.

\* \* \*

Mas um outro aspecto nos prende particularmente a atenção — o cuidado na preparação dos monumentos. Bem acabados, alguns com moldura decorada. Linhas auxiliares amiudadas vezes marcadas. Uma atenção à decoração. Tudo revelando uma minúcia que importa sublinhar.

Enfim, a decoração denota avançado grau de cultura. De resto, a representação dos instrumentos de escrita (9) — os volumes abertos, os cálamos, as caixas — tudo isso nada mais é do que um elogio à cultura, à instrução. Para além de constituir importante documento para o estudo desses instrumentos.

---

(1) CIL II 5242.

(2) CIL II 368.

(3) CIL II 378.

(4) CIL II 5241 e, provavelmente, CIL II 380.

(5) «Conimbriga» X 1971 p. 124 e 126.

(6) *Fouilles* II n.º 13, p. 33, n.º 71, p. 93. Aliás, essa afinidade se nota também entre CIL II 378 = ILER 3949 e o citado n.º 71 de Conimbriga.

(7) «Humanitas» 1959-60 p. 124, n.º 18; «Conimbriga» X 1971, p. 124-5.

(8) *Fouilles* II n.ºs 36, 63, 298 a-b.

(9) CIL II 378, 5241; «Conimbriga» X 1971 p. 126 (= *Fouilles* II pl. XXXIII, 4).

Enfim, a escola artística de Coimbra, teve, nos seus antepassados romanos, exímios ilustradores. E a tradição intelectual não fica — de modo nenhum! — deslustrada também pelo excelente latim que nos é patenteado, em fraseologia tipicamente romana e sem erro: a fórmula *dic rogo qui transis sit tibi terra levis*, por exemplo, aparece num texto (CIL II 5241) por extenso, exactamente num desses monumentos com decoração lateral de *instrumentum scriptorium*.

\* \* \*

Não era nossa intenção apresentar aqui um catálogo, comentado, das inscrições de Coimbra. Nem muito menos achámos oportuno elaborar uma síntese mais ou menos erudita das informações profundas e da problemática geral que elas fornecem e suscitam.

Contudo, sem fugirmos ao carácter leve que pretendemos imprimir à nossa comunicação, e justamente porque o queremos manter, não podemos deixar de referir-nos a um epitáfio de grande sobriedade, encontrado em 1773 no terreiro do Castelo (CIL II 374). Diz apenas:

#### CHRYSIS SIBI / POSVIT

Aí se memora, pois, uma mulher, de que apenas conhecemos o nome — *Crisis* — que, etimologicamente, se prende com o substantivo grego traduzível por «ouro». É nome dado frequentemente a escravos.

A singeleza do texto vem exaltando a imaginação. Que mulher será esta, que manda, a expensas suas, lavrar em vida o seu próprio epitáfio? Escrava, prostituta, mulher só — que será?

O hábito de preparar em vida o seu túmulo não data de hoje. Os testemunhos epigráficos são numerosos, nomeadamente para o caso de cônjuges: quando um deles morre acontece que o sobrevivente dedica a inscrição aos dois. Casos de pessoas singulares já não é tão frequente (1). *Crisis* quis levar consigo o segredo do modo como

---

(1) Ver exemplos citados in CIL II p. 1202 (fim da primeira coluna) e também CIL II 3489 («se viva fecit... postea hic sita est»).

existiu; apenas nos quis dizer «existi». Epigraficamente — e como seres humanos também — nada nos leva a jogar-lhe em cima o labéu da ignomínia. Escrava ou mulher honrada — «que a terra te seja leve», fórmula, aliás, que na sua modéstia, até se esqueceu de mandar gravar (1).

---

(1) A paginação em altura não é cuidada. Dir-se-ia que o espaço em baixo poderia albergar o resto da inscrição com indicações posteriores: o número de anos que viveu e as habituais fórmulas funerárias. Ninguém, afinal, se preocupou com isso, após a morte de Crísis. Num epitáfio do mesmo tipo («Conimbriga» XVI 1977, p. 67-69), a dedicante mandou gravar tudo, apenas deixando espaço para colocar a idade com que viria a falecer.